

## Document Citation

Title	<b>Crede mi</b>
Author(s)	
Source	<i>RioFilme, Brazil</i>
Date	
Type	distributor materials
Language	Portuguese
Pagination	
No. of Pages	2
Subjects	
Film Subjects	Crede mi (Believe me), Lessa, Bia, 1996

Bia Lessa

## Nada se repete assim

A idéia de fazer o filme assim como ele é nasceu no próprio Mann, das velhas lendas que ele reconta, como *José e seus irmãos* e *O eleito*, que, por exemplo, é uma lenda do século 12. No início de *O eleito* ele aborda a questão da linguagem erudita e popular. Eu tinha vivido uma bela experiência quando levei *Orlando* para Fortaleza. Daí surgiu o interesse em ver como o interior do Ceará contaria Mann.

Primeiro foi uma oficina de teatro: eu, Dany Roland, uma câmera de vídeo e grupos que cresciam espontaneamente. Algumas vezes trabalhamos com mais de 200 pessoas. Filmávamos a oficina e a encenação. É incrível como eles interpretam a história e como encaixam suas vivências.

A idéia era tirar o máximo deles, ver e ouvir o que eles tinham dentro deles mesmos antes de apresentá-los a Thomas Mann. Um aspecto incrível é a riqueza da linguagem é ver como o sotaque das pessoas cabe no texto de Mann. Eles falam de Deus como se fosse um primo. O sagrado e o profano estão no mesmo nível. É tudo junto e é pelos poros. Isso resulta numa nobreza, numa ética social impressionante.

Depois o teatro virou filme. O que mais me fascina é captar a espontaneidade do acontecimento, enquanto no teatro você tem de forjá-lo.

A imagem é um depoimento em si, permitindo que eu abra mão - um pouco - da representação. Sinto que estou trabalhando de fato com pessoas. A imagem me permite captar as coisas como elas são. O importante não é a realidade em si, mas o olhar sobre a realidade. Para mim, é muito novo o fato de que *CREDE+MI* esteja hoje exatamente como estava ontem, com aqueles momentos fugazes que nunca mais vão se repetir. Isso no teatro é impossível, nada se repete assim.

Frido Mann

## Alemanha e Brasil

No nosso "mundo uno" atual, a cultura não é mais um bem exclusivamente nacional. Com o convívio dos povos, tornou-se evidente que o encontro de diversas culturas representa um enriquecimento, movimentando processos de aprendizado e promove respeito e tolerância mútuos.

*CREDE+MI*, o filme de Bia Lessa e Dany Roland, vai além, num passo decisivo. Eles não se contentam com um encontro da cultura brasileira com a não-brasileira, no sentido de uma simples permuta cultural. Desejam atuar unindo culturas, o que, no entanto, para eles, não significa promiscuidade cultural. Bia e Dany tentam, ao contrário, *enriquecer*, ativamente, a via cultural cotidiana de certos grupos étnicos brasileiros, por meio de obras selecionadas da literatura clássica, sobretudo européia, fazendo com que as pessoas *reinterpretem* estas obras com suas experiências particulares, suas conclusões e impressões, com a coloração específica da sua linguagem e da sua expressão cênica. Deste modo, uma forma de cultura não é imposta à outra, não se sacrifica uma cultura em favor de outra. Pelo contrário, as formas diversas de cultura inspiram-se mutuamente, sem auto-renúncia.

Em *CREDE+MI*, sua obra mais recente, Bia e Dany conseguem isto de modo altamente marcante. O filme inspira-se em *O eleito* (*Der Erwählte*), de Thomas Mann, oriundo, por sua vez, da lenda palaciana em versos, *Gregorius vom Stein*, de Hartmann von Aue, do século XII, fundamentada num texto anônimo francês, ainda mais antigo. É a lenda de um cavaleiro concebido incestuosamente, o qual, sem conhecimento de causa, posteriormente casa-se com sua mãe, e, após um exílio de 17 anos num rochedo, é destinado por Deus a tornar-se Papa. O filme é uma "narração" expressionista, es-

encialmente espontânea, de *O eleito* efetuada por habitantes do Ceará através de sua melodia lingüística peculiar, do mundo das suas canções e da música instrumental, da sua vida religiosa e da expressão natural dos seus sentimentos morais e religiosos.

Paradoxalmente, na aparente impossibilidade de unificação de dois mundos culturais, ressaltam, de modo muito mais convincente, os traços comuns e a singularidade inequívoca, como também a perenização através dos séculos, podendo ser vivenciado muito mais intensamente do que teria sido possível através de quaisquer tentativas artificiais de sínteses. Isto se refere sobretudo à riqueza da linguagem, e ao conhecimento, enraizado nas duas culturas, da incapacidade e da insuficiência do ser humano, que não fica excluído da vida, justamente na sua pobreza e miserabilidade.

O filme rodado com meios técnicos e financeiros mínimos (*apenas uma pequena câmera Hi-8!*) mostra, através de tomadas movimentadas, coloridas, ricas e vívidas, de alto valor artístico, o entusiasmo contínuo de todos os participantes. O que impressiona, do começo ao fim, é a força e a graça das expressões. Aqui, momentos encantadores de inibição natural dos recitadores, ali o som comovente dos violinos numa orquestra infantil, seguem-se os serviços religiosos e procissões monumentais, casamentos e enterros, paixões e cenas diretas de um parto. É uma ciranda magnífica, em que se manifesta a indissociabilidade do trivial e da importância exclusiva, na qual Deus, Vida e Natureza sempre permanecem unidos. Bia Lessa realizou o que desejou com sucesso: "Quero levar o universo de Mann para onde estiver o povo". Parabéns e felicidades a Bia Lessa e Dany Roland por seu filme *CREDE+MI*

Tradução de Theodora Breilkopf Fay

*CREDE+MI*. Direção e imagem de Bia Lessa e Dany Roland, baseado em *O eleito* de Thomas Mann. Montagem de Sérgio Mekler. Consultoria: Violeta Arraes. Assistência: Tiago Borba e Eduardo Quintino. Kinescopia: Four Media - Burbank, California. Consultoria técnica: Marcelo Dantas. Filmado em Crato, Canindé, Camocim, Juazeiro do Norte, Beberibe Vila Bela Vista e Nova Olinda com bordadeiras, pescadores, donas de casa e músicos e artistas populares durante oficinas patrocinadas pelo Governo do Estado do Ceará e também: na procissão de N. S. das Dores do Juazeiro do Norte; nos Reisados da Vila Bela Vista; nas festas de São Francisco no Canindé, da Orquestra do Padre Ágio do Crato, do Grupo Boi Pintadinho de Camocim e dos Irmãos Aniceto do Crato; e no Museu do Homem Kariri de Nova Olinda. Produção: B. L. Produções Artísticas e Riofilme.

2p #25819

Believe Me

# CREDE+MI



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
RIOFILME  
SECRETARIA DE CULTURA

Carlos Alberto de Mattos

## De Mann ao Crato, uma aventura de criação

Quando tudo parecia indicar que a máxima cinemano-vista “uma câmera na mão, uma idéia na cabeça” estava sepultada; quando tudo sinalizava o triunfo da técnica sobre a poesia do gesto audiovisual; quando tudo fazia crer que o sertão brasileiro era propriedade exclusiva do neo-cangaço e de fábulas sociais bem-pensantes, eis que surge de repente, pequeno e arisco como um preá de trás de um mandacaru, esse objeto inesperado que é *CREDE+MI*.

O filme de Bia Lessa é bem assim - um susto que desperta a memória de outros tempos do nosso cinema, mas com a miscigenação típica das criações pós-modernas e a atitude atrevida que caracteriza a obra (até aqui) teatral da diretora. Transpor o texto clássico e atemporal de *O eleito*, de Thomas Mann, para a boca de pescadores, bordadeiras e artistas populares do Nordeste brasileiro não é a maior das ousadias de *CREDE+MI*. O que esse filme tem de mais desafiante é a retomada de um caminho de pesquisa há muito abandonado entre nós: a fusão de documento e mito, de etnografia e poesia, de realidade e encenação.

Para melhor compreender a posição de *CREDE+MI*, vale a pena lembrar três momentos do cinema brasileiro moderno. Primeiro, o seminal Cinema Novo, que trouxe uma renovação temática e estilística sem precedentes. Em *Deus e o diabo na terra do sol* e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, Glauber Rocha mergulhou no sertão para extrair sua seiva mitológica. A liberdade não era apenas uma bandeira política do Cinema Novo, mas um pressuposto da própria criação artística, cujo logotipo era a câmera na mão. Mais que o manuseio de um

aparelho, a “câmera na mão” era uma idéia na cabeça do cineasta: ele estava leve e livre para filmar. Era o autor em sua plenitude solitária.

Paralelamente ao Cinema Novo, um grupo de documentaristas, com os farnéis supridos pelo produtor Thomaz Farkas, embrenhou-se pelo interior do país, especialmente o Nordeste, para flagrar o modo de vida, a cultura e a espiritualidade do povo brasileiro. A “caravana Farkas”, que durou de 1964 a meados dos anos 70, impulsionou a carreira de realizadores como Geraldo Sarno, Maurice Capovilla e Paulo Gil Soares, além de representar a primeira iniciativa sistemática de documentação do Brasil profundo.

Saltemos agora para os anos 70, quando Orlando Senna e Jorge Bodanzky abrem uma nova frente de interação entre ficção e realidade com *Iracema, uma transa amazônica*, *Gitirana* e *Diamante bruto*. Nesses chamados semi-documentários, o registro de situações sociais reais e a elaboração de uma dramaturgia (freqüentemente com atores semiprofissionais) se fertilizavam mutuamente, almejando a indissociação.

Sem que nada tenha contribuído objetivamente para isso; sem que Bia Lessa necessariamente tenha travado contato com a maioria das obras acima citadas, *CREDE+MI* retoma vários conceitos dessas fases cruciais do cinema brasileiro. De Glauber vêm o gosto pela ritualização, pelos mitos e a inconformidade com os padrões dominantes da “bela imagem”. A câmera na mão de Bia é uma *Hi-8* caprichada, que ela sustentou nos braços franzinos sertão adentro, acompanhada de seu companheiro, o ator Dany Roland, que cuidava do som. E mais ninguém. A plenitude solitária só não era real porque tudo se organizou com a participação integral dos moradores de cada localidade onde a dupla desembarcava.

Os *workshops* eram agendados previamente pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e Bia Lessa chegava não para enfiar Thomas Mann goela do povo abaixo, mas para pesquisar onde a narrativa mitológica de *O eleito* se cruzava com os mitos dos sertanejos. Num movimento permanente de dar e receber, Bia e Dany ao mesmo tempo que conduziam a encenação itinerante da história do século 12 contada por Mann, documentavam os festejos religiosos e folguedos po-

pulares de cada lugar. Um pouco como na época da “caravana Farkas”, havia uma fome de conhecer o Brasil, uma disposição para “registrar e ver depois como editar”.

É bom destacar que essa documentação não se faz num sentido social ou didático-antropológico, mas com um olhar guiado principalmente pelos aspectos místico-míticos. Bia Lessa estava interessada no sentido simbólico e estético das danças, procissões, lutas etc. Não se tratava de registrar costumes nem colher folclore, mas de evidenciar a estrutura comum dos mitos de épocas e gentes diversas. Uma das maiores vitórias dos realizadores foi terem incorporado com perfeição as cenas documentais ao enredo de *O eleito*. Mais que isso, *CREDE+MI* resgata o valor dramático de manifestações aparentemente rotineiras como as festas de reisado, romarias, procissões, lutas de facões etc. Assim, os figurinos, coreografias, aglomerações e rituais festivos assumem, na história, o papel de casamentos, funerais, cerimônias de coroação, guerras etc.

Com esse trânsito incessante entre o real e a representação, a simbologia coletiva e a dramatização individual, a mitologia própria do povo e aquela emprestada da cultura clássica, *CREDE+MI* retoma o sentido da aventura de criação, tão caro ao cinema brasileiro de outras épocas e hoje minimizado pela predominância de um cinema de planejamento e resultados. O espectador é arrastado nessa aventura que não se ordena segundo moldes convencionais, mas que nem por isso o deixa desorientado. À medida que evolui a trama folhetinesca de *O eleito* e a caravana mínima de Bia Lessa avança de cidade a cidade, os cenários e o elenco vão mudando sem que nunca se perca o fio da meada. Basta seguir a trajetória das duas coroas - de flores para a mulher, de latão para o homem - e deixar-se levar por uma narrativa típica de um cinema de poesia, que ora parece evocar o Pasolini de *Medéia*, ora o Orson Welles de *É tudo verdade*. Isso, naturalmente, com a plasticidade *lowtech* do vídeo *Hi-8* ampliado para cinema, o que confere à imagem uma platitude e uma opacidade que são ao mesmo tempo uma deficiência e um valor estético próprio. A tendência à absorção da imagem eletrônica pelo cinema passa também por esses estudos de transferência, como já havia anunciado Antonioni, há 17 anos, em *O mistério de Oberwald*.

Na carreira de Bia Lessa, *CREDE+MI* inaugura a aproximação com o teatro popular de uma maneira já bastante sofisticada. O filme reflete um trabalho com a maneira de o povo absorver, processar e narrar histórias. O resultado é uma alucinante interpenetração cultural, como numa canção onde a letra viesse da alta cultura europeia e a música, das manifestações do sertão brasileiro. O texto de Mann, acrescido de pequenos “cacos”, é submetido às características vocais e à interpretação rústica de “atores” improvisados, entre os quais há os tímidos, os expansivos, os espontâneos e os canastrões deliciosos. A atuação é para todos uma experiência lúdica, mesmo para aqueles que parecem levar tremendamente a sério seu ofício diante da câmera. A musicalidade nordestina transforma o texto “nobre” de Mann em cordel declamado ou em conversa de pé de fogão. A intimidade do povo sertanejo com os mitos e as divindades é coisa que Bia Lessa, encantada, tratou de transmitir no filme.

Submeter clássicos da literatura universal a um tratamento brasileiro não é novidade na obra de Bia Lessa. Assim foi com as montagens teatrais de *Os possessos*, de Dostoiévski, *Orlando*, de Virginia Woolf, *Viagem ao centro da terra*, de Jules Verne, e *O homem sem qualidades*, de Robert Musil. Esses espetáculos eram releituras das obras originais com um misto de admiração e irreverência muito peculiar. Dos seus “encontros” com grandes autores Bia retira farândulas teatrais cheias de humor, surpresa e risco cênico, onde acaba ressaltado o próprio ato de encenar. Bia Lessa encena não propriamente a obra, mas o seu olhar sobre a obra. Um olhar que investiga, se apossa e não teme conseqüências.

*CREDE+MI* é um passo além-fronteira que sugere novos horizontes na inquietação da autora Bia Lessa. Agora também autora de vídeo, quase-cinema, quase-teatro, um pouco de tudo. Um objeto estranho que dialoga com a história do audiovisual brasileiro e mexe com a estratificação das paisagens culturais. Por tudo isso, bem-vinda seja!

Carlos Alberto de Mattos  
é crítico de cinema e Presidente da  
Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro.